

## Confluências<sup>1</sup> e coerências do acesso a museus: reflexões críticas sobre as “boas práticas de acessibilidade” como orientações manualescas

## Confluences<sup>2</sup> and Coherences of Museum Access: Critical Reflections on "Good Accessibility Practices" as Manualistic Guidelines

Enviado em: 26-04-2024

Aceito em: 26-06-2024

**Carla Grião da Silva Bernardino<sup>3</sup>**

### Resumo

O artigo apresenta uma análise reflexiva sobre o conceito de acessibilidade em museus a partir de contribuições teóricas de autores de outras áreas como Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo), Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Françoise Vergès e Bruno Latour. A partir dessas leituras, o texto questiona concepções arraigadas sobre a relação entre ser humano e ambiente, destacando a interconexão entre diferentes formas de conhecimento. As "cartilhas de orientação de acessibilidade" são aqui criticadas por sua abordagem fragmentada e simplificada que não considera a diversidade de necessidades e saberes dos visitantes. Por fim, são apresentadas duas experiências: a exposição *Diálogo no Escuro* e a *35ª Bienal de São Paulo - Coreografias do Impossível*. Ambos os casos demonstram como a sensorialidade está além de adaptações circunscritas, enfatizando a importância da inclusão, representatividade e ampliação das vivências corporais. O artigo propõe uma reflexão sobre as práticas de acessibilidade nos museus, instigando uma abordagem mais holística e inclusiva que reconheça e celebre a diversidade e interconexão de diferentes formas de conhecimento e estar no mundo.

**Palavras-chave:** Inclusão, Diversidade, Sensorialidade

---

1 De acordo com Nego Bispo, confluência significa “a energia que está nos movendo para o compartilhamento [...]. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia” (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 4–5).

2 According to Nego Bispo, confluence means “the energy that is moving us towards sharing [...]. When we confluence, we do not stop being ourselves; we become ourselves and someone else – we yield. Confluence is a force that yields, that increases, that expands” (BISPO DOS SANTOS, 2023, pp. 4–5).

3 Doutoranda em Sociomuseologia pela Universidade Lusófona de Lisboa - Portugal, mestre pelo Programa de Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo onde pesquisou “Os lugares de memória do Movimento Social das Pessoas com Deficiência em São Paulo de 1978 a 1981”. Bacharela em Museologia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Participa como membro efetivo do Centro de Documentação e Informação da Pessoa com Deficiência Rui Bianchi do Nascimento (Cedipod), é secretária diretora do Conselho Regional de Museologia da 4ª Região (Corem 4ªR), onde coordena também a Comissão de Divulgação e Comunicação. Participa da Rede de Ocupações e Parcerias Acadêmicas (ROPA) e do Grupo de Estudos Sociomuseologia e Acessibilidade Cultural da Cátedra Unesco: Educação, Cidadania e Diversidade Cultural. E-mail : [carlagriao@alumni.usp.br](mailto:carlagriao@alumni.usp.br)

## Abstract

The article presents a reflective analysis on the concept of accessibility in museums based on theoretical contributions from authors in other fields such as Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo), Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Françoise Vergès, and Bruno Latour. Drawing from these readings, the text questions entrenched conceptions about the relationship between humans and the environment, highlighting the interconnection between different forms of knowledge. The "accessibility guidelines" are criticized here for their fragmented and simplified approach that does not consider the diversity of visitors' needs and knowledge. Finally, two experiences are presented: the exhibition Dialogue in the Dark and the 35th São Paulo Biennial - Choreographies of the Impossible. Both cases demonstrate how sensorial access goes beyond circumscribed adaptations, emphasizing the importance of inclusion, representativity, and the expansion of bodily experiences. The article proposes a reflection on accessibility practices in museums, urging a more holistic and inclusive approach that recognizes and celebrates the diversity and interconnection of different forms of knowledge and being in the world.

**Keywords:** Inclusion, Diversity, Sensoriality

## Introdução

Nos últimos anos, a discussão em torno da acessibilidade nos museus tem se tornado cada vez mais proeminente e potente, refletindo uma crescente conscientização sobre a importância da inclusão e diversidade cultural na sociedade contemporânea. A necessidade de tornar os espaços culturais acessíveis a todos, independentemente de suas habilidades físicas, sensoriais ou cognitivas, tem sido reconhecida como um imperativo ético e social. No entanto, apesar dos avanços significativos nesse campo, muitas das chamadas "boas práticas de acessibilidade" continuam a ser influenciadas por concepções restritas sobre a relação entre o ser humano e o ambiente, frequentemente negligenciando a complexidade e interconexão entre diferentes formas de conhecimento e experiência.

Neste contexto, este artigo busca não apenas examinar as abordagens predominantes em relação à acessibilidade museal, mas também questionar suas premissas subjacentes e propor caminhos mais inclusivos e holísticos. Para isso, nos embasaremos em contribuições teóricas de autores que não necessariamente versam sobre acessibilidade, como, por exemplo, Nego Bispo, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Françoise Vergès e Bruno Latour.

Acreditamos que estes referenciais têm o potencial de ajudar a compreender diferentes formas de ser, de estar e de se relacionar com o mundo, contribuindo para compreender algumas possibilidades de acessibilidade nos museus contemporâneos. Desta forma, acreditamos que podemos tensionar percepções simplistas que reduzem a acessibilidade a adaptações físicas ou tecnológicas.

Além disso, buscamos embasar este texto em exemplos concretos para, assim, ilustrar nossos argumentos. Tomamos como referência duas exposições: a *Diálogo no Escuro*, exibida na Unibes Cultural (São Paulo, SP), em 2015/2016 e 2022/2023, que buscou desafiar os visitantes a experimentar um ambiente totalmente escuro; e a *35ª Bienal de São Paulo - Coreografias do Impossível*, que tentou romper com as convenções das exposições de arte contemporânea. Esses exemplos destacam como a sensorialidade está além das adaptações físicas, promovendo uma sensorialidade mais ampla e uma valorização das vivências corporais.

Por fim, buscaremos trazer novas perspectivas e abordagens que reconheçam e celebrem a diversidade e interconexão de diferentes formas de conhecimento e experiência humana nos espaços culturais e museais. Ao fazê-lo, esperamos contribuir para um diálogo mais enriquecedor e transformador sobre acessibilidade e inclusão nos museus e além deles.

### **Travessias teóricas**

Antes de discutirmos alguns conceitos teóricos que nos possibilitarão repensar a inserção humana na natureza e, desta forma, fornecer alguns subsídios capazes de problematizar a acessibilidade museal e cultural tal como ela é posta majoritariamente hoje, cabe salientar de onde a sociedade ocidental parte em relação aos humanos e à Natureza<sup>4</sup>.

A própria construção desta frase já nos diz muita coisa: existem humanos, no plural, convivendo em uma Natureza, no singular e com N

---

4 Os parágrafos que seguem são baseados nas pesquisas e nos pensamentos do filósofo Bruno Latour (LATOUR, 2009; LATOUR; MOTA DE SOUZA, 2019).

maiusculo. Enquanto a visão hegemônica garante a possibilidade de os humanos se organizarem socialmente de maneira diversificada, a Natureza é única e a mesma para todos. Além disso, para os ocidentais, ela é uma fonte de recursos a ser explorada, independente das consequências trazidas por esta exploração.

Nesta visão, o monopólio do direito de “falar” da Natureza é dado aos cientistas, tendo em vista a relação objetiva, desmistificada e, talvez, desapaixonada que possuem por ela. A esta única e passiva Natureza, reduzida a uma existência baseada em ações e reações, é dada uma ontologia separada dos humanos. Nela, os humanos podem até viver, mas o vivem em separado dela, ou seja, humanidade e natureza são esferas distintas.

A partir do momento em que buscamos compreender outras possibilidades de humanidade, ou seja, outras possibilidades de existir e de ser dos humanos no mundo, transgredir essa visão se torna essencial. Se buscamos alternativas à modernidade e à cultura moderna ocidental, precisamos repensar em nossa relação com a natureza até em um nível epistemológico.

Neste sentido, encontramos em Nêgo Bispo, em especial em seu livro *A terra dá, a terra quer* (2023), ideias que escapam deste paradigma ocidental. Quando o autor pensa no conceito de humanismo, ele busca ir além das concepções centradas exclusivamente na humanidade e, desta forma, subverte a visão de humanidade e natureza apresentada acima. Ao afirmar que ele e os quilombolas são *diversais*, sugere uma interconexão profunda entre os seres humanos e o ambiente. Em suas palavras:

Humanismo é uma palavra companheira da palavra desenvolvimento, cuja ideia é tratar os seres humanos como seres que querem ser criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza. Do lado oposto dos humanistas, estão os *diversais* – os cosmológicos ou orgânicos. Se os humanos querem sempre transformar os orgânicos em sintéticos, os orgânicos querem apenas viver como orgânicos, se tornando cada vez mais orgânicos. Para os *diversais*, não se trata de desenvolver, mas de envolver. Enquanto nos envolvemos organicamente, eles vão se desenvolvendo humanisticamente (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 30).

Essa perspectiva reconhece a importância da biodiversidade e da interdependência entre todas as formas de vida, incluindo humanos e não-humanos. Em vez de colocar os seres humanos no centro, como o foco exclusivo do humanismo tradicional, Nêgo Bispo parece sugerir que devemos considerar todas as formas de vida como igualmente dignas de respeito e consideração.

Essa abordagem mais ampla do humanismo não apenas questiona as concepções arraigadas de superioridade humana, mas também nos convida a repensar nosso relacionamento com o ambiente e com outras espécies. Ao reconhecer nossa interconexão com a biodiversidade, podemos desenvolver uma ética mais holística e sustentável que promova o bem-estar de todos os seres vivos, incluindo nós mesmos. Também possibilita refletir sobre a própria essência do que significa ser humano ao colocar em primeiro plano a interconexão entre os seres humanos e o ambiente que os rodeia.

Outro conceito relevante para nós é o de *saber sintético*, que se opõe ao *saber orgânico*. Enquanto o primeiro representa um saber fragmentado e que pressupõe a posse do objeto conhecido, o segundo está mais relacionado com o ser, com o criar e com o confluir. Como o próprio título deste trabalho diz, nossa perspectiva parte de um saber orgânico, um saber que se coloca de forma relacional. Esta perspectiva é um convite ao reconhecimento da complexidade e da interdependência de todos os elementos que compõem a existência, em vez de tentarmos simplificá-la por meio de categorias rígidas e separações artificiais.

Essa reflexão nos confronta com nossa tendência arraigada de buscar uniformidade, separar elementos e categorizar, revelando a natureza restringida de nossa compreensão. Essa tendência permeia não apenas nossas estruturas sociais e políticas, mas também se estende ao âmbito dos museus e da Museologia. Nos museus, vemos essa busca pela uniformidade e categorização refletida na organização das exposições, na forma como as narrativas são construídas e até mesmo na maneira como as obras de arte são interpretadas e valorizadas.

Outra percepção que escapa das dicotomias propostas pela ocidentalidade está em Ailton Krenak. Ao adentrarmos nas reflexões propostas pelo autor, em especial em sua obra *A vida não é útil* (2019), particularmente no capítulo *Sonhos para adiar o fim do mundo*, somos levados a uma jornada de autoconhecimento que potencializa a descolonização do pensamento. Além de questionarmos as relações entre humanos e não-humanos, Krenak avança e nos faz refletir sobre uma questão estruturante da psicanálise ocidental: as relações entre consciente e inconsciente.

Para nós, não indígenas, os sonhos frequentemente são relegados a um plano secundário, distantes da nossa realidade concreta e cotidiana. Eles são vistos como meras manifestações do inconsciente, desconectadas da vigília diurna. No entanto, para alguns povos indígenas, os sonhos não são apenas eventos noturnos fugazes, mas sim componentes vitais de sua existência. Os sonhos se entrelaçam com o cotidiano, formando uma teia intrincada que permeia todas as esferas da vida.

Para os Krenak, por exemplo, os sonhos têm um significado profundo na compreensão da existência e da relação entre os humanos e a natureza. Em suas reflexões sobre a crise ambiental e a urgência da preservação da natureza, Ailton Krenak enfatiza a importância de reconhecer e respeitar os sinais de que a natureza nos envia, muitas vezes manifestados justamente através dos sonhos. Para ele, os sonhos são uma forma de despertar para a interdependência entre todas as formas de vida e a necessidade de cuidar da Terra como um todo.

Essa compreensão dos sonhos como parte integrante da existência indígena nos desafia a repensar nossas próprias concepções de realidade e consciência. Ela nos convida a reconhecer a riqueza e a complexidade do mundo onírico, e a considerar como ele pode enriquecer e informar nossa experiência diurna.

Ao abraçar essa perspectiva, somos incentivados a buscar uma maior integração entre os diversos aspectos de nossa própria existência, reconhecendo a interconexão entre os sonhos e a realidade, entre o consciente e o inconsciente. Essa jornada de autoconhecimento nos convida a

transcender as fronteiras estreitas de um entendimento de mundo dualista, abrindo-nos para uma compreensão da vida mais ampla e conectada da existência humana.

No livro *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2019) ecoa-se também a importância dos sonhos para os povos indígenas. Para os Yanomami, o sonho é visto como uma forma de comunicação com os espíritos e os antepassados. Na cosmovisão Yanomami, o mundo espiritual e o mundo físico estão intrinsecamente interligados, e o sonho é considerado uma ponte entre esses dois reinos. Através dos sonhos, os Yanomami acreditam receber mensagens importantes dos espíritos da floresta, que orientam suas práticas cotidianas, desde a caça até a cura de doenças. Portanto, para Kopenawa, os sonhos não são apenas experiências individuais, mas uma parte fundamental da sabedoria coletiva e do conhecimento transmitido através das gerações.

Esta compreensão ganha relevância inclusive em exposições contemporâneas, como a recente exposição do Museu das Culturas Indígenas intitulada *Hendu Porã'rã – escutar com o corpo*<sup>5</sup>. *Hendu Porã'rã*, que significa justamente "escutar com o corpo" na língua Tupi-Guarani, e que sugere uma abordagem que está além da audição convencional, convidando os visitantes a envolverem-se fisicamente e emocionalmente com as histórias e culturas indígenas. A exposição busca proporcionar uma experiência imersiva, onde os visitantes são convidados a utilizar todos os seus sentidos para compreender e apreciar as diferentes perspectivas indígenas sobre o mundo. Desde a arte visual até a música, dança e narrativas tradicionais, cada elemento da exposição é selecionado para transmitir a riqueza e a diversidade das culturas indígenas. Além disso, a exposição também busca desafiar estereótipos e preconceitos comuns em relação aos povos indígenas, oferecendo uma visão autêntica e multifacetada de suas tradições, conhecimentos e modos de vida. Os visitantes têm a oportunidade de se conectar de forma mais profunda com as histórias e experiências das comunidades indígenas, promovendo assim uma maior compreensão e respeito mútuo.

---

5 Exposição inaugurada em 21/12/23 e em cartaz por tempo indeterminado (HENDU PORÃ'RÃ, ESCUTAR COM O CORPO, [s.d.]).

*Hendu Porã'rã – escutar com o corpo* representa um esforço significativo para celebrar e preservar as culturas indígenas, ao mesmo tempo em que convida o público a refletir sobre questões importantes, como a preservação ambiental, os direitos indígenas e a diversidade cultural.

Os autores que apresentamos até o momento não fazem parte da hegemonia do pensamento moderno ocidental. No entanto, os paradigmas de nossa sociedade começam a ser questionados por autores que compartilham da mesma epistemologia que aqui criticamos.

Um exemplo que pode contribuir para este debate é o conceito de *coerência quântica*, oriundo da física. Nele, observa-se que, em níveis subatômicos, as partículas podem existir em múltiplos estados simultâneos. Essa sobreposição de estados desafia nossa compreensão convencional de separação e distinção entre os objetos e os seres no universo.

Jogando com o paradigma hegemônico ocidental, podemos considerar que, assim como as partículas subatômicas, nós, seres humanos, somos feitos de matéria que obedece às leis da física. Portanto, é plausível argumentar que estamos imersos em um estado de interconexão e sobreposição, onde as fronteiras entre nós e o mundo ao nosso redor se tornam menos definidas. A separação que percebemos pode ser, em última análise, uma ilusão criada pela nossa própria observação limitada.

Um exemplo notável de autor que exemplifica a ideia de que os seres humanos são feitos de matéria que obedece às leis da física é Deepak Chopra. Embora Chopra seja mais conhecido como médico e escritor na área da medicina alternativa e espiritualidade, ele frequentemente integra conceitos da física quântica em suas obras para abordar a interconexão entre mente, corpo e universo.

Chopra argumenta que a consciência humana e o corpo físico estão intrinsecamente ligados e que ambos são fundamentados em processos quânticos. Em seus livros, como *Quantum Healing: Exploring the Frontiers of Mind/Body Medicine*(1989) e *The Spontaneous Fulfillment of Desire: Harnessing the Infinite Power of Coincidence*(2003), o autor discute como a



compreensão dos princípios da física quântica pode levar a uma visão mais holística da saúde e do bem-estar.

Outro exemplo é Amit Goswami, físico indiano e autor de obras como *O Universo Autoconsciente*(2015a) e *A Física da Alma*(2015b). Goswami propõe uma visão integrativa da física quântica e da espiritualidade, argumentando que a consciência é fundamental para a compreensão da realidade e que os seres humanos são agentes ativos na criação do universo através de processos quânticos.

No âmbito da filosofia ocidental, as interconexões entre entidades são especialmente discutidas por autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari, principalmente na série de livros iniciadas com *O Anti-Édipo*(2021) e continuada com o *Mil-Platôs*(2000). Em ambos os livros, o dualismo kantiano de natureza e sociedade é atravessado pelo que os autores chamam de *máquinas*: qualquer ente que não se comunica com esses dualismos são máquinas<sup>6</sup>. É importante ressaltar que, para esses autores, é impossível falar em *totalidade*, tendo em vista as características relacionais e, de certa forma, abertas de toda a existência (como toda existência é aberta à relação, ela nunca estará completa). No lugar da totalidade, Deleuze e Guattari pensam a existência como *objetos parciais* e *bricolagens*. Para ambos, a multiplicidade é a regra e o uno (como a Natureza) é negado *a priori*.

Esses autores, entre outros, cultivam a ideia de que os humanos, assim como partículas subatômicas, animais, florestas, enfim, qualquer ente, não pode ser compreendido individualmente e sim a partir de sua relação.

Nesta perspectiva, ao incorporarmos as reflexões de Nêgo Bispo, por exemplo, somos desafiados a repensar não apenas nossas concepções sobre o mundo, mas também a forma como interagimos com ele e como organizamos nossas instituições culturais. Suas ideias nos incentivam a abraçar uma abordagem mais completa e abrangente, que valorize e comemore a

---

<sup>6</sup> A ideia de máquina é derivada da cibernética e busca superar justamente o conceito de humanismo (assim como Nêgo Bispo). É interessante notar que os autores indígenas buscam superar as dualidades ocidentais através de metáforas que remetem ao ser na natureza, enquanto os autores ocidentais buscam superar as mesmas dualidades exacerbando elementos da própria modernidade. Nota-se que até mesmo as metáforas, talvez, precisem ser descolonizadas.

diversidade e a interligação entre outras formas de conhecimento e vivência. Da mesma maneira, se pensarmos com Krenak a partir de sua valorização dos sonhos não apenas como fenômenos individuais, mas como elementos fundamentais da cosmovisão e da cultura dos povos originários, podemos incorporar em nossas práticas cotidianas reflexões sobre a riqueza e a profundidade das tradições humanas, seja dos povos originários ou dos povos colonizadores. Essa valorização dos sonhos nos convida a refletir sobre a natureza da realidade e da consciência.

Por sua vez, a compreensão da coerência quântica nos convida a repensar não apenas nossa relação com o mundo físico, mas também nossas interações sociais, culturais e espirituais, assim como a própria filosofia de Deleuze e Guattari faz. Essas referências nos desafiam a transcender as divisões artificiais que criamos entre nós mesmos e os outros, entre o eu e o mundo, e a abraçar uma compreensão mais abrangente e unificada da experiência humana.

Todas as travessias teóricas que trouxemos até o momento nos ajuda, em última análise, a perceber que o mundo pode ser diferente da divisão sociedade e natureza, com exemplos desconectados dessas esferas expostos como curiosidades em espaços museais. Para a Museologia, romper com os paradigmas estabelecidos de uma ciência positivista que arrastamos em nossas epistemologias até os dias de hoje já seria transformador. Da mesma forma, na acessibilidade em museus e espaços culturais, esse potencial latente é bastante promissor.

Françoise Vergès, em sua obra *Decolonizar o museu: Programa de desordem absoluta*, instiga um olhar crítico sobre os museus universais, destacando como eles entram em conflito com a noção de universalidade defendida por ela e por outros autores como o próprio Nêgo Bispo. Esses museus, muitas vezes considerados como guardiões de uma narrativa global, são acusados de perpetuar uma visão eurocêntrica e colonialista da história e da cultura.

Ao categorizar e segmentar as diversas expressões culturais em compartimentos rígidos, os museus universais perpetuam hierarquias de poder

e subjugam perspectivas não ocidentais. Privilegiam uma narrativa dominante que exalta as conquistas e contribuições do "ocidente" em detrimento das vozes e experiências dos povos colonizados e oprimidos.

Segundo Vergès:

O museu universal constitui um local único de encenação da grandeza do Estado-nação, capaz de reunir obras-primas para o prazer e o orgulho de seus cidadãos/ãs, confirmando assim seu lugar entre os Estados civilizados. É um elemento de gentrificação social, "um trunfo econômico polivalente para os bilionários, um vasto campo de batalha ideológica com cujo auxílio com os que lucram com as guerras retocam sua reputação e normalizam sua violência"; um espaço social total, atravessado por lutas de classe, gênero e raça, culturais e ideológicas; uma instituição que propõe uma história da arte e uma geografia do mundo, que abriga restos mortais, objetos roubados, saqueados ou adquiridos de forma desonesta, privando povos e comunidades de seu luto e de suas riquezas. O museu universal é uma armadilha ideológica. [...] Quando proteger objetos é mais importante que a vida humana, mais importante que a dignidade e a igualdade, esse universal parece insignificante (VERGÈS, 2023, p. 24–25).

Para a argumentação que buscamos desenvolver aqui, esse enxerto de Vergès nos ajuda a compreender como um museu normativo é concebido. Os objetos ali expostos, são vistos como exemplos de uma realidade a muito superada ou mesmo esquecida. O acervo é composto por objetos apartados de seus contextos e realidades, quase como líquidos que são organizados em pipetas dentro de um laboratório químico. Essa prática se assemelha muito ao que Deleuze e Guattari (2000) compreendem como uma *mente extirpada*, a saber, uma mente separada de um corpo e de um mundo exterior que, na verdade, polui e deturpa o que a epistemologia ocidental considera como realidade. Essa visão de separação reforça uma ideologia que coloca o homem branco, aquele que é o porta-voz desta epistemologia, acima e à parte dos demais humanos, consolidando assim uma postura de dominação e exclusão de todos os outros.

Essa crítica à separação e categorização é ecoada também por outros autores ocidentais como Bruno Latour, especialmente em *Onde aterrar* (2020), onde o autor propõe um entendimento radicalmente diferente do nosso relacionamento com o mundo. Latour nos convida a abandonar a noção de

dominação e separação inerente ao pensamento do branco e, em vez disso, nos reconectar com a terra e todas as suas criaturas em uma mesma escala.

Essa visão de enraizamento e conexão desafia a ideia de que nós, como seres humanos, estamos separados uns dos outros e do ambiente ao nosso redor. Ela nos lembra que estamos todos intrinsecamente ligados, que somos todos bricolagens, parte de uma teia complexa e interdependente de vida. Essa compreensão não apenas desafia as estruturas de poder e dominação, mas também nos convida a adotar uma ética de cuidado e responsabilidade para com o nosso planeta e todas as suas formas de vida.

### **Cartilhas de orientação de acessibilidade nos museus**

As discussões que trouxemos na seção anterior retratam modos de existência muito mais conectados e interdependentes do que a epistemologia positivista ocidental nos permitiria ter. Diretamente relacionada a esta visão está a constatação de que a realidade que podemos chamar de *contingente* carrega um universo de possibilidades. A universalidade ocidental, ou seja, uma única realidade que pode ser estendida para todos os contextos independentemente de seu lugar no mundo, dá lugar a uma pluralidade de possibilidades e potencialidades.

Nas epistemologias que buscamos apresentar aqui, ou seja, aquelas que possuem a pluralidade e a relação como regra, importar formas de atuação e metodologia de ação de outros contextos resulta em uma potencial morte de diversas outras possibilidades. Nesta perspectiva, acreditamos que as chamadas "cartilhas de orientação de acessibilidade nos museus e/ou espaços culturais" podem ser consideradas como exemplos de uma espécie de "assassinas de potenciais". Formulamos a frase dessa forma pois acreditamos que, ao implementar uma cartilha produzida em outro contexto, todas as potências que poderiam gerar estratégias locais, relacionais e específicas para aquele museu deixam de existir para dar lugar a implementação de uma estratégia alheia que, sim, pode auxiliar o museu a lidar com algumas

questões, mas uniformiza e generaliza ações que poderiam gerar experiências muito mais significativas e relevantes para o público.

Ao refletirmos sobre a criação destas cartilhas, é importante ressaltar que elas, muitas vezes, ao invés de abordarem de forma abrangente e sensível a diversidade de necessidades e experiências dos visitantes, muitas vezes adotam uma abordagem fragmentada e simplificada, que desconecta os visitantes dos contextos em que partem. Essa segmentação tende a dividir os visitantes em categorias pré-definidas, baseadas em critérios como deficiência física, auditiva, visual ou intelectual, sem considerar questões como a interseccionalidade e a multiplicidade de identidades e vivências que caracterizam a diversidade humana.

Como defende Camila Alves, educadora e psicóloga com deficiência visual:

Antes de qualquer coisa, um manual não técnico pressupõe um acolhimento, levar em consideração o outro, entender que o acolhimento, o receber visitas é uma maneira de propor, de provocar uma experiência, de estar entre muitos e, portanto, estar em relação com quem chega. Reafirmo aqui um manual não técnico que ao invés de oferecer regras a serem seguidas, oferece histórias. Que propõe um experimentar e não um definir experiências organizadas em tópicos (ALVES, 2016, p. 83).

Ao oferecer soluções padronizadas, essas cartilhas correm o risco de negligenciar ou subestimar as necessidades específicas de determinados grupos de visitantes, principalmente por considerá-los como “públicos semióticos<sup>7</sup>”. Além disso, ao se concentrarem exclusivamente em aspectos

---

7 Derivo a ideia de “público semiótico” do que Latour chamou de “personagem semiótico” (LATOURE, 2000, p. 89). Ao analisar a forma como cientistas escrevem seus textos acadêmicos, Latour apontou que existe uma estratégia de tentar imaginar o que um eventual leitor questionaria naquele trabalho para, assim, antecipar as respostas para as perguntas que esse leitor teria. Desta forma, o texto é direcionado a um leitor escolhido de antemão e que não possui nenhuma voz real (tanto a escolha do leitor quanto as perguntas foram feitas pelo autor do texto). Assim, podemos definir de maneira sucinta que o “personagem semiótico” de Latour é uma pessoa desprovida de individualidade e poder de escolha, assim como o público que pode eventualmente ser atendido pelas cartilhas. Um museu, ao adotar uma cartilha feita por outra equipe e para outra realidade, não conhece o seu público com deficiência. Evidentemente, a cartilha é, muitas vezes, construída com a participação de pessoas com deficiência, mas não com a participação das pessoas com deficiência daquela localidade. A deficiência é retratada, desta forma, de maneira universal cujas soluções podem ser exatamente iguais para todas as pessoas. O “público semiótico” é o público passivo, um público que apenas recebe qualquer coisa que o museu ache que pode oferecer.

tangíveis da acessibilidade, essas cartilhas podem ignorar questões mais sutis e subjetivas, como a inclusão social e emocional dos visitantes. Por exemplo, a falta de representatividade e visibilidade de diferentes pautas identitárias nas exposições e programas educacionais do museu podem contribuir para que esses visitantes continuem a se sentir marginalizados ou excluídos.

Isso envolve a promoção de uma cultura institucional sensível e receptiva à diversidade, assim como a incorporação de diferentes perspectivas e vozes nas práticas curatoriais e educacionais do museu.

Especialmente sobre a oferta de acessibilidade pelos espaços museais e culturais, precisamos pensá-la não apenas como recurso, mas como agente de experiência, assim como o é uma obra de arte ou um objeto musealizado. Atualmente, acreditamos que a acessibilidade cultural compreende a cultura e a natureza como elementos à disposição dos humanos e que devem ser consumidos por humanos, não importa de que forma (um quadro com uma cena histórica é um quadro com uma cena histórica que pode ser ou visto ou tateado, não importa muito, desde que ele seja consumido).

Se pensarmos a acessibilidade como forma de atravessamentos sensoriais, como são, aliás, as obras de arte em geral, podemos provocar o público com reflexões sobre o seu lugar no mundo, sua história, seus direitos, enfim, podemos cumprir de maneira mais compromissada a função que museus possuem no auxílio à leitura de mundo de todas as pessoas que os visitem.

Assim, ao mesclarmos as reflexões desses diversos autores, podemos repensar a acessibilidade nos museus e espaços culturais, adotando abordagens mais inclusivas, sensoriais e conectadas com as múltiplas realidades e experiências humanas. Isso implica em um compromisso genuíno em promover um acesso mais igualitário e democrático aos espaços museais e culturais, reconhecendo e valorizando as diversas perspectivas e experiências dos visitantes. Essa revisão não apenas ajudaria a tornar os museus mais inclusivos, mas também enriquecer a experiência cultural para todos os visitantes, criando conexões mais profundas entre as instituições culturais e a comunidade.

## **Instalações sensoriais: Do “objeto acessível circunscrito” para ampliação do contexto espaço-tempo e das vivências corporais mais amplas**

Por fim, apresentaremos duas exposições que, acreditamos, se aproximam mais das propostas que aqui trazemos. O principal objetivo é mostrar, de maneira empírica, que outras possibilidades de acessibilidade são possíveis, desde que a questão seja encarada de maneira diferente daquelas propostas pelas cartilhas.

### **Diálogo no Escuro**

Com mais de 35 anos de trajetória, o projeto *Diálogo no Escuro* é uma iniciativa global que já passou por mais de 170 cidades em 47 países, alcançando um público de mais de 10 milhões de pessoas. A iniciativa não apenas proporciona uma experiência sensorial única, mas também emprega mais de 10 mil pessoas com deficiência visual, destacando-se por sua impactante contribuição à inclusão e à conscientização (MHN RECEBE INSTALAÇÃO MULTISSENSORIAL “DIÁLOGO NO ESCURO” A PARTIR DE 13 DE ABRIL | MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 2023).

Nesta exposição, os visitantes são guiados por educadores com deficiência visual em um ambiente completamente escuro, composto por salas que recriam ambientes cotidianos como parques, ruas, mercearias e bares, utilizando cheiros, sons, vento, temperatura e texturas para uma imersão completa.

Durante essa jornada de imersão sensorial, os participantes são desafiados a abandonar sua zona de conforto visual, confiando nos sentidos do tato, audição e olfato para interagir com os cenários e objetos ao seu redor. Os educadores não apenas oferecem segurança e orientação, mas também compartilham suas experiências pessoais, enriquecendo profundamente a vivência dos visitantes.

A proposta expositiva de *Diálogo no Escuro* levanta questões essenciais sobre perspectivas sensoriais não visuais. Em muitas culturas e filosofias, há uma valorização significativa dos sentidos que não dependem da visão, como a audição, o tato e a conexão espiritual com o ambiente. Essas perspectivas oferecem uma ontologia alternativa à predominância ocular nas sociedades contemporâneas, desafiando conceitos estabelecidos sobre percepção e conhecimento sensorial.

A inclusão sensorial, como defendida pela museóloga Amanda Tojal (2014), não apenas melhora a acessibilidade para pessoas com deficiências, mas também enriquece a experiência de todos os visitantes ao envolver uma gama mais ampla de sentidos e percepções. Filósofos como Maurice Merleau-Ponty estudam profundamente a fenomenologia da percepção sensorial, argumentando que nossos sentidos não são simples receptores passivos, mas sim mediadores ativos de nossa experiência e entendimento do mundo. Essa abordagem filosófica pode ser aplicada para questionar a visão como o principal meio de interação e conhecimento, ampliando o debate sobre diversidade sensorial e inclusão em contextos culturais e educacionais.

Adicionalmente, a exposição *Diálogo no Escuro* permite que os participantes experimentem o não-ver como fonte igualmente válida de conhecimento e compreensão do mundo. Isso desafia não apenas as percepções individuais, mas também as normas sociais e culturais que tendem a privilegiar a visão sobre outros sentidos.

Além disso, a experiência em *Diálogo no Escuro* não se limita apenas à percepção sensorial individual; ela também desafia os visitantes a reconsiderarem suas próprias definições de empatia e inclusão. Ao interagirem com educadores com deficiência visual e ao vivenciarem um ambiente onde a visão não é o principal meio de interação, os participantes são estimulados a desenvolver uma compreensão mais profunda das variadas formas de perceber e se relacionar com o mundo ao seu redor.

### **35ª Bienal de São Paulo – Coreografias do Impossível**



A 35ª Bienal de São Paulo – Coreografias do Impossível, em cartaz de 6 de setembro a 10 de dezembro de 2023 no Parque Ibirapuera, São Paulo, reuniu obras de 121 participantes de todo o mundo, com curadoria de Diane Lima, Grada Kilomba, Hélio Menezes e Manuel Borja-Villel.

Esta edição da Bienal apresentou uma proposta ousada, buscando construir espaços e tempos de percepção que desafiassem a rigidez da linearidade do tempo ocidental. Para os curadores, o objetivo era criar um horizonte coreográfico onde práticas artísticas de diferentes partes do mundo pudessem imaginar mundos que confrontassem as ideias de liberdade, justiça e igualdade como realizações impossíveis.

O conceito de *impossível* refere-se não apenas às realidades políticas, jurídicas, econômicas e sociais nas quais essas práticas artísticas e sociais estão inseridas, mas também às alternativas criativas que essas práticas encontram para driblar os efeitos desses contextos.

A 35ª Bienal de São Paulo – Coreografias do Impossível ofereceu uma experiência única aos visitantes ao desafiar as percepções convencionais de espaço, tempo e movimento através das instalações artísticas expostas. Essas obras convidaram os espectadores a experimentarem sensações e emoções que transcendem o corpo físico, ampliando não apenas o entendimento de sensorialidade, mas também celebrando a diversidade e a multiplicidade de experiências humanas.

Os curadores propuseram um ambiente onde práticas artísticas de diferentes culturas e contextos pudessem imaginar e encenar mundos possíveis que reformulassem as noções convencionais de liberdade, justiça e igualdade. Esta abordagem não apenas proporcionou uma experiência estética e sensorialmente enriquecedora para os visitantes, mas também incentivou uma reflexão crítica sobre os limites e as possibilidades da arte contemporânea em confrontar e transformar as complexidades do mundo contemporâneo.

Isabel Maior (2014), ativista e médica, argumenta que a acessibilidade sensorial é fundamental para garantir que todas as pessoas possam usufruir plenamente dos espaços culturais e educativos, sendo um direito básico e uma questão de justiça social. Além disso, Isabel Portella, museóloga e crítica de

arte, destacou em participação no podcast "1 Curadorx, 1 Hora" a importância das exposições sensoriais em museus. Portella enfatizou como essas iniciativas permitem que todas as pessoas possam apreciar e interagir com as obras de arte de maneira significativa.

Para além dos aspectos sensoriais, é importante analisar o impacto das exposições na conscientização pública, na mudança de atitudes em relação à deficiência e na promoção de inclusão e diversidade sensorial nos espaços culturais contemporâneos.

Esses são apenas alguns exemplos de propostas já implementadas em espaços culturais que nos ajudam a compreender as possibilidades de se trabalhar a sensorialidade de maneira diferente do que a simples oferta de um ou outro recurso ou adaptação acessível. Evidentemente, as duas exposições apresentadas têm os seus problemas que não podem ser negligenciados. Por exemplo, durante a exposição da 35ª Bienal, os educadores criticaram sua carga excessiva de trabalho. De acordo com informações que circularam na internet, em especial nas redes sociais, esses profissionais não recebiam Vale Refeição suficiente para alimentação digna, precisavam esperar horas para irem ao banheiro, possuíam carga excessiva de trabalho, entre outras condições que podem ser consideradas incoerentes com a própria proposta cultural apresentada pelo espaço (REVISTASELECTCELESTE@GMAIL.COM, 2023).

De qualquer forma, ao proporcionarem experiências sensoriais mais amplas e orgânicas, tanto a *Diálogo no Escuro*, como a *35ª Bienal* trouxeram as questões de inclusão e representação, desafiando os museus a repensarem suas práticas e abordagens.

### **Considerações finais até o momento**

As reflexões apresentadas neste texto destacam a necessidade premente de uma abordagem mais holística e inclusiva no que tange à acessibilidade nos museus e espaços culturais. Ao integrar as perspectivas de diferentes autores e práticas, somos desafiados a não apenas repensar as

diretrizes de acessibilidade geralmente encontradas em manuais de orientação, mas também a considerar criticamente as políticas institucionais que moldam a experiência dos visitantes.

A partir dessas reflexões, torna-se evidente que uma revisão profunda é necessária não apenas nas infraestruturas físicas, mas também nas estratégias educativas, curatoriais e de gestão dos espaços museais e culturais. Isso implica um compromisso efetivo com a promoção de um acesso genuinamente inclusivo e democrático, que não apenas remove barreiras físicas, mas também valoriza e integra as diversas perspectivas e vivências sensoriais dos visitantes.

É fundamental reconhecer que iniciativas como o Diálogo no Escuro e eventos como a 35ª Bienal de São Paulo - Coreografias do Impossível oferecem modelos inspiradores de como a arte e a cultura podem transcender limites físicos e cognitivos, promovendo experiências que não apenas ampliam o entendimento da sensorialidade, mas também celebram a multiplicidade de experiências humanas.

Em última análise, este debate nos convoca a repensar não apenas as práticas de acessibilidade nos museus, mas também a nossa compreensão mais ampla de inclusão social e cultural. Uma abordagem mais holística não só fortalece a democratização do acesso cultural, mas também contribui para uma sociedade mais justa, equitativa e empática, onde as diferenças são não apenas toleradas, mas verdadeiramente valorizadas como componentes essenciais da diversidade humana.

## **Referências bibliográficas**

AILTON, Krenak. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, Camila Araújo. **E se experimentássemos mais? Um manual não técnico de acessibilidade em espaços culturais**. 2016. Mestrado em Psicologia - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

CHOPRA, Deepak. **Exploring the Frontiers of Mind/Body Medicine**. [s.l.] : Bantam USA, 1989.

CHOPRA, Deepak. **The spontaneous fulfillment of desire: Harnessing the infinite power of coincidence**. [s.l.] : Harmony, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. [s.l.] : Editora 34, 2021.

GOSWAMI, Amit. **O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material**. [s.l.] : Aleph, 2015. a.

GOSWAMI, Amit. **A Física da Alma: A explicação científica para a reencarnação, a imortalidade e as experiências de quase morte**. [s.l.] : Aleph, 2015. b.

**Hendu Porã'rã, escutar com o corpo. Museu das Culturas Indígenas**, [s.d.]. Disponível em: <https://museudasculturasindigenas.org.br/exposicoes/henduporara-escutar-com-o-corpo/>. Acesso em: 2 abr. 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. [s.l.] : Editora Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 2009.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?: como se orientar politicamente no antropoceno**. [s.l.] : Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

LATOUR, Bruno; MOTA DE SOUZA, Carlos Aurélio. **Políticas de natureza: como associar as ciencias a democracia**. [s.l: s.n.].

MAIOR, Izabel. Inclusão social das pessoas com deficiência no Brasil: A trajetória das políticas de acessibilidade. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 103–116, 2014.

**MHN recebe instalação multissensorial “Diálogo no escuro” a partir de 13 de abril | Museu Histórico Nacional**. , 2023. Disponível em: <https://mhn.museus.gov.br/index.php/dialogo-no-escuro-mhn-recebe-instalacao-multissensorial-a-partir-de-13-de-abril/>. Acesso em: 26 abr. 2024.

REVISTASELECTCELESTE@GMAIL.COM. **Carta aberta de repúdio às condições de trabalho na 35a Bienal de São Paulo**. Revista

**seLecT\_ceLesTe**, 2023. Disponível em: <https://select.art.br/carta-aberta-35a-bienal/>. Acesso em: 26 abr. 2024.

TOJAL, Amanda. Acessibilidade Cultural: Múltiplos Olhares e Possibilidades. **Museologia e Patrimônio**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 77–91, 2014.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu: Programa de desordem absoluta**. [s.l.] : Ubu Editora, 2023.